

# Bispo de Roraima aceita saída dos missionários

MANOEL LIMA e  
PLÍNIO VICENTE

D. Aldo Mongiano, bispo de Roraima, aceitou com ressalvas a decisão da Funai de retirar da região do rio Couto de Magalhães todos os grupos envolvidos no conflito: garimpeiros, índios e Igreja. Ele disse que "os missionários saem da área de conflito, mas temporariamente, para mostrarmos que a Igreja não quer radicalizar nem prejudicar o trabalho do governo para evitar novos conflitos".

D. Mongiano não confirmou a chegada à Boa Vista de d. Luciano Mendes, presidente da CNBB. Mas deixou claro que "o trabalho missionário vai continuar, para manter os índios longe desse processo de desintegração econômica e degeneração cultural, que ameaça as nações indígenas de Roraima".

O bispo de Roraima se disse constrangido pela posição tomada

pelo Estado com respeito ao Conselho Indigenista Missionário, acusado de envolvimento com grupos estrangeiros. D. Mangino negou peremptoriamente que a Igreja tenha participação na briga entre garimpeiros e índios na região. Até agora, morreram quatro indígenas e um garimpeiro. "A Igreja faz seu trabalho de evangelização, nada mais que isso. Ocorre que o índio tem sido vítima de exploração pelo branco e agora resolveu reagir", disse.

Para d. Aldo Mongiano a Igreja não pode ser acusada de insuflar os índios, que não aceitam em suas terras "quem os prejudica, quem os quer explorar". Ele ressaltou que a irmã Florença deve continuar na região do Catrimani, porque "fala fluentemente a língua ianomami e há índios doentes que precisam de sua ajuda".

O bispo de Roraima refutou a acusação de fazendeiros e caciques macuxi de ter implantado no Esta-

do um feudo de discriminação dos brancos. "Afirmar-se que há perfeito entrosamento e interação entre brancos e índios em Roraima é uma falsidade." Para ele, os índios "jamais perderam sua condição de índio, sua cultura, suas raízes. O branco é que o transformou para ser vil".

D. Mongiano está há onze anos em Roraima e se diz profundo conhecedor da problemática indígena. Ele acha que a reação dos índios contra os brancos em suas terras "é natural". O bispo diz que os macuxi, ao contrário do que se divulga, não estão em extinção. Pelo contrário, "continuam os mesmos, valorizando sua cultura, suas tradições, não com o mesmo ímpeto e características de antigamente, mas continuam tão índios quanto aqueles que vivem nas matas longe desse processo de desintegração social e degeneração cultural". Os índios macuxi são a grande nação indígena do território.

## Garimpeiros começam a sair

Pode começar hoje a retirada dos garimpeiros das áreas de conflito com os índios. A decisão foi transmitida pelo superintendente regional da Funai, em Manaus, Sebastião Amâncio. Está difícil um acordo do órgão com a Secretaria de Segurança e a Polícia Militar, já que há duas posições contrárias. A Funai quer que os garimpeiros sejam retirados logo e de qualquer forma, mesmo que com o uso da força. Já as forças de segurança pretendem que a retirada seja feita de forma pacífica, dentro de 30 dias, evitando-se os conflitos.

Para o coronel Menna Barreto, secretário de Segurança de Roraima,

seria inaceitável usar a força para efetuar a retirada, pois isso criaria uma séria tensão social. Ele acha que, com um prazo maior, os garimpeiros poderiam absorver o problema mais facilmente. Mas a Funai não abre mão de sua posição e se levanta a possibilidade de até se alocarem todas as aeronaves disponíveis na retirada. Caso a Polícia Militar não entrar no esquema, seria pedida a intervenção de forças federais.

### ESPERANDO

O comandante do 6º BEC, coronel Joelcio de Campos Silveira, esperava ontem um comunicado de que o

acordo entre as duas partes já tinha sido feito. O diretor do Departamento de Polícia Federal, Daniel Norberto, informou que a posição do órgão é de se dedicar ao inquérito que apura as responsabilidades sobre os conflitos que resultaram na morte dos índios e do garimpeiro. Atuando apenas dentro de uma função judiciária, a PF tem prazo de 30 dias para concluir o inquérito, caso não ocorra antes a prisão de algum dos envolvidos. Norberto disse que depois de identificados os culpados, "vamos trazê-los para Boa Vista de qualquer maneira, pois aí o problema será de competência da Polícia Federal".

Boa vista / Agência Estado

## Índios ianomamis ainda desaparecidos

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O porta-voz do Departamento de Polícia Federal, Paulo Marra, informou ontem que dois índios ianomamis continuam desaparecidos depois do conflito ocorrido há cerca de 15 dias no garimpo Cambalacho, município de Mucajaí, em Roraima, e que a PF suspeita que estejam mortos. Alguns garimpeiros também não voltaram à área de exploração e, apesar das buscas feitas pela polícia, não foram encontrados.

Segundo levantamento do DPF, do conflito resultaram quatro índios mortos e um garimpeiro, cujos corpos foram encontrados. Mas as buscas não terminaram. Há dificuldades na operação porque chove muito na área e a mata é densa. A Polícia Federal continua no local, mas segundo Marra a tensão não diminuiu, embora a possibilidade de um novo conflito esteja afastada.